



Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
TECNOLOGIA EM GESTÃO DE COOPERATIVAS

JOSEANE DE JESUS SANTOS AMORIM

FEIRA ITINERANTE DA AGRICULTURA FAMILIAR:
A EXPERIÊNCIA EM CRUZ DAS ALMAS/BA

CRUZ DAS ALMAS
2018

JOSEANE DE JESUS SANTOS AMORIM

**FEIRA ITINERANTE DA AGRICULTURA FAMILIAR:
A EXPERIÊNCIA EM CRUZ DAS ALMAS/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Tecnologia em Gestão de Cooperativas do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnóloga em Gestão de Cooperativas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia da Silva Sodré

**CRUZ DAS ALMAS
2018**

JOSEANE DE JESUS SANTOS AMORIM

**FEIRA ITINERANTE DA AGRICULTURA FAMILIAR:
A EXPERIÊNCIA EM CRUZ DAS ALMAS/BA**

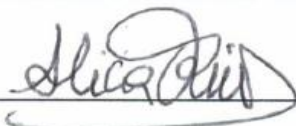
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi submetido à Coordenação do Curso de Graduação em Tecnologia em Gestão de Cooperativas como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Tecnóloga em Gestão de Cooperativas, outorgado pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovada em 16 / 08 / 2018



Prof.^a Dr.^a Maria Lucia da Silva Sodré

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB (Orientadora)



Prof.^a Dr.^a Alícia Olaude Ruiz

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB



Prof.^a Dr.^a Ana Georgina Peixoto Rocha

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ser fonte de equilíbrio e resiliência em todos os instantes de minha vida e por dar-me a graça de ter uma mãe maravilhosa. A ti, mãe, sou eternamente grata por todo amor, carinho e incentivo. Minha Julia, meu muito obrigada! Agradeço aos meus irmãos por arrancar sorrisos em meio aos meus dias de turbulência e desespero.

Aos que somaram e aos que torceram contra, meu muito obrigada. Vocês foram essenciais ao meu sucesso. Aos amigos que fiz e levarei comigo pra todo o sempre. Aos professores e funcionários da UFRB agradeço imensamente. À Maria Lucia, orientadora de TCC, agradeço pela disponibilidade, atenção, paciência e incentivo. Agradeço também aos Agricultores Familiares que me acolheram com carinho e deram contribuições imprescindíveis para a formação da minha pesquisa de campo. Enfim, a todos contribuíram para a concretização do meu sonho, sou imensamente grata.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha mãe. As minhas realizações só são possíveis porque és meu porto seguro.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAF- Cadastro da Agricultura Familiar

CAR- Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional

DAP- Declaração de Aptidão ao Pronaf

FAMAM- Faculdade Maria Milza

FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento Escolar

PAA- Programa de Aquisição de Alimentos

PNAE- Programa Nacional de Alimentação Escolar

PRONAF- Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

SEAD- Secretária Especial de Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agrário

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Caminhos Metodológicos da Pesquisa	11
2. O PERCURSO TEÓRICO	14
2.1 Agricultura familiar e políticas públicas.....	14
2.2 Comercialização: as experiências de feiras itinerantes.....	17
2.3 Gestão e a experiência dos núcleos de produção da agricultura familiar	19
3. FEIRA ITINERANTE NO CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR: A EXPERIÊNCIA EM CRUZ DAS ALMAS/BA.....	22
3.1. Histórico e caracterização da feira em Cruz das Almas	22
3.2. O desafio de comercializar.....	25
Figura 1- Alimentos dispostos nas barracas no momento de comercialização	26
Figura 2- Barracas montadas lado a lado na Praça do Soldado	27
Tabela 1- Identificação dos entrevistados que participam ativamente da feira.....	28
Gráfico 1 - Aquisição de produtos por cada agricultor	31
Figura 03- Estrutura das barracas. Observa-se que as barracas em lona listrada são as antigas sendo as de lona branca, as atuais.....	36
Gráfico 2- Quantidade de feirantes desde o início do projeto até os dias atuais	38
4. CONCLUSÃO	43
5. REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA	45
APÊNDICE (A).....	48

**FEIRA ITINERANTE DA AGRICULTURA FAMILIAR:
A EXPERIÊNCIA EM CRUZ DAS ALMAS/BA**

RESUMO

As cadeias curtas de comercialização representam uma estratégia importante para o agricultor familiar, sobretudo, por encurtar a distância entre o produtor e o consumidor. Dentro dessas cadeias curtas, encontram-se as feiras livres que podem ser fixas ou itinerantes. O presente artigo teve como objetivo compreender se a participação na Feira Itinerante da Agricultura Familiar e Economia Solidária em Cruz das Almas tem contribuído para o fortalecimento da atividade econômica dos feirantes. Para realizar este trabalho, foi utilizada a pesquisa de campo e para coleta das informações, entrevistas semiestruturadas, conversas informais e observações. Os principais resultados apontaram que a participação na feira tem refletido resultados importantes para os participantes, sobretudo, econômico, somada à motivação pessoal. O fator renda destacou-se como aspecto determinante na permanência na feira. Por outro lado, os fatores que impulsionaram a saída de mais da metade dos feirantes foi a falta de apoio logístico e de assessoria técnica e organizacional. Como conclusão, ressalta-se a importância do apoio e do incentivo por parte do governo municipal para que o projeto permaneça agregando visibilidade aos feirantes, a valorização dos seus produtos e o fortalecimento da agricultura familiar.

Palavras-chave: Circuito curto. Comercialização. Política Pública.

ITINERANT FAIR OF FAMILY FARMING: THE EXPERIENCE OF CRUZ DAS ALMAS/BA

ABSTRACT

The short marketing chains represent an important strategy for the family farmer, in particular by shortening the distance between the producer and the consumer. Within these short chains are the free fair that can be fixed or itinerant. The objective of this article was to understand if the participation in the Fair of Itinerant Family Farming and Solidary Economy in Cruz das Almas has contributed to the strengthening of the economic activity of the fairs. To perform this work, field research and information collection, semi – structured interviews, informal conversations and observations were used. The main results pointed out that the participation in the fair has reflected important results for the participants, above all, economic, added to the personal motivation. The income factor stood out as a determining factor in the permanence at the fair. On the other hand, the factors that drove the exit of more than half of the fairs were the lack of logistical support and technical and organizational advice. As a conclusion, the importance of support and encouragement by the municipal government is emphasized so that the project continues o add visibility to the marketers, the valorization of their products and the strengthening of family farmer.

Key Words: Short Circuit. Commercialization. Public Policy

1. INTRODUÇÃO

A agricultura familiar representa mais do que uma atividade econômica rural, ela significa também uma forma de organização social e de reprodução pautada em um modo de vida com características peculiares, que envolve o tripé indissociável entre terra, trabalho e família. E, nesse contexto, ela representa um espaço na qual as pessoas vivem e trabalham, produzem alimentos diversificados para o consumo e para a comercialização, trocam experiências acumuladas ao longo da vida. Ela tem também um papel fundamental na geração de emprego e renda, e, na ocupação da mão-de-obra familiar daqueles que desejam permanecer no meio rural, e, portanto, também possibilita a permanência do agricultor no campo com a valorização e fortalecimento da agricultura familiar.

Cabe destacar que, no mercado, a agricultura familiar tem contribuído, através da produção diversificada de alimentos, para a segurança alimentar e nutricional do país, que tem olhado para esta categoria como uma alternativa de melhoria alimentar frente à preocupação crescente com a saúde, e, portanto, para a qualidade do alimento consumido. Por outro lado, os sistemas de valores, costumes e crenças dos consumidores sobre a produção e o consumo do alimento vinculado à questão cultural também tem um papel importante nesse contexto, que diretamente proporciona uma valorização do produto do agricultor familiar e o seu fortalecimento, a partir da escolha pelos consumidores, além de criar dinamização econômica e social do local.

No entanto, estudos têm apontado que a comercialização representa um dos grandes problemas para os agricultores familiares, seja por questões de deslocamento, dificuldade em acessar os diversos mercados, dentre eles, os institucionais, ou mesmo, por ter o intermediário/atravessador como única fonte de escoamento da sua produção.

Nesse contexto, as cadeias curtas de comercialização ou ainda, os circuitos curtos de comercialização têm papel importante no desenvolvimento da agricultura familiar, como estratégico para escoamento da produção já que representa um ponto de venda que alinha, principalmente, a proximidade entre produtor e consumidor através da relação mais direta, sobretudo, pelo estabelecimento das relações de confiança, e nesse sentido, o mercado pode ser compreendido também como um espaço de interação social muito importante, além da ação econômica que objetivamente ele representa.

. As feiras livres, de modo geral, estão inseridas nas cadeias de comercialização curtas estreitando esta relação. Dentre as diversas formas de organização das feiras livres, encontram-se as feiras itinerantes que se caracterizam por serem dinâmicas e deslocarem-se constantemente de um ponto a outro, sem alterar sua finalidade. Essa modalidade de feira estabelece novas redes e a oferta de produtos frescos e, portanto, a preservação da sua qualidade nutricional, ou seja, uma das características importantes dos circuitos curtos, e, elemento que pode ser decisivo para o consumidor na tomada de decisão em comprar ou não o alimento da agricultura familiar local.

Esse formato de feira é um ambiente que permite o escoamento da produção, a valorização do trabalho e a socialização entre consumidor e produtor garantindo a possibilidade de agregar renda (algumas vezes atua como renda principal) no orçamento mensal dos agricultores. Nesse sentido, as feiras têm papel fundamental, pois, representam uma teia de relações econômicas e sociais que são realizadas em um espaço público, são, portanto, canais de comercialização que proporcionam a relação direta entre o agricultor que produz e deseja vender e o consumidor que tem a intenção de comprar.

As feiras tendem a contribuir também para o fortalecimento da economia local, uma vez que os agricultores participam das atividades econômicas da comunidade através das compras e das vendas dos seus produtos, fortalecem a valorização das tradições locais e heranças culturais de plantio e colheita, a sua autonomia, fruto da renda de sua atividade, através da comercialização dos seus produtos, dentre as diversas modalidades de mercado.

É no contexto das feiras itinerantes, que o seguinte problema foi levantado: até que ponto a criação da feira itinerante da Agricultura Familiar tem contribuído para o fortalecimento da atividade econômica dos agricultores/feirantes? Acredita-se que respostas a esta indagação sejam importantes caminhos para compreensão das mudanças socioeconômicas na vida dos feirantes a partir da sua participação nesse espaço de comercialização.

O presente trabalho tem como objetivo geral compreender se a participação na Feira Itinerante da Agricultura Familiar e Economia Solidária em Cruz das Almas tem contribuído para o fortalecimento da atividade econômica dos feirantes. Os objetivos específicos foram: compreender o processo de formação da feira, o funcionamento e as motivações dos agricultores para participarem; identificar se a feira tem contribuído para o fortalecimento econômico e sociocultural dos feirantes; verificar os desafios enfrentados para fortalecer o espaço; e, apurar as atividades produtivas e as formas de comercialização.

Considerando a importância da agricultura familiar para a região e para o estado, o presente estudo se justifica pela busca de respostas das inquietações que o tema traz, e, portanto, a tentativa de interpretar o real significado da criação da Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária para a vida dos agricultores, bem como, trazer para discussão as dificuldades e os desafios nos âmbitos econômico, social e cultural, investigando, assim, a situação do agricultor familiar no contexto de globalização, da concorrência de mercado, sua luta pelo empoderamento e autonomia a partir da comercialização dos seus produtos.

A motivação para realização deste trabalho advém da experiência da vida acadêmica no curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas e da observação cotidiana e inquietação em compreender como esse modelo de feira contribui para o desenvolvimento socioeconômico dos agricultores familiares.

A feira itinerante, objeto deste estudo, acontece nos dias de terça e quinta-feira em 03 pontos da cidade: Rua da Malva, Praça do Soldado e Praça dos Artífices (Rua da Estação ou Praça dos Artistas), no município de Cruz das Almas/BA, formando assim um circuito. As feiras são montadas em pontos estratégicos da cidade onde existe um fluxo grande de passantes e de moradores que, de certa forma, moram longe da feira livre, onde o acesso é mais complexo. Todavia, a feira pode ter sua rota alterada em decorrência do calendário municipal. O projeto da feira foi uma iniciativa da gestão municipal do período 2012-2016, entretanto, não se sabe a data exata de sua inauguração, mas, a primeira feira aconteceu em 2015.

1.1 Caminhos Metodológicos da Pesquisa

Metodologicamente, para o avanço do trabalho, foi realizada inicialmente uma revisão bibliográfica sobre temas que permeiam a pesquisa, como a agricultura familiar e canais de comercialização, como a feira, buscando obter melhor compreensão do contexto a partir desse referencial teórico.

O presente trabalho é uma pesquisa de campo, tipo exploratório, com abordagem qualitativa, e, o objetivo é colher informações diretas com os atores envolvidos e que tenham familiaridade com o assunto levantado. Para Gil (1999, p. 43), “as pesquisas exploratórias visam proporcionar uma visão geral de um determinado fato, do tipo aproximativo” assim, busca possibilitar o relato ou detalhamento fiel do estudo. O método utilizado foi o estudo de caso que, de acordo com Gil (2008), busca detalhar a fundo determinado assunto a fim de extrair maior quantidade de informação.

A pesquisa de campo foi realizada entre Maio e Julho de 2018, via entrevista semiestruturada (APÊNDICE A) com 08 agricultores, sendo 06 mulheres e 02 homens, dentre eles, 02 agricultores que se inseriram na feira recentemente. Entretanto, além dos agricultores, outras pessoas fizeram parte do campo de pesquisa como: 03 moradores dos bairros onde acontecem as feiras, 01 ex-servidor público da Secretaria de Agricultura (mulher), 02 servidores atuais (01 homem e 01 mulher) e 03 agricultores que não mais frequentam a feira (02 homens e 01 mulher, sendo as informações coletadas nas casas dos agricultores). A feira itinerante acontece em 03 (três) bairros estratégicos do município de Cruz das Almas - Praça dos Artífices, Rua da Malva e Praça do Soldado. Esses bairros foram escolhidos pela Secretaria de Agricultura municipal juntamente com o grupo de feirantes a partir de fatores que serão explicados mais a frente.

O município de Cruz das Almas está situado no Território do Recôncavo da Bahia, distante 146 quilômetros da capital do Estado, Salvador. Liga-se à capital baiana através da BR 101 e 324. De acordo com o último Censo realizado em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a população era de 58.606. Desse total, 49.885 representava a população urbana, e, 8.721 a população rural, ou seja, o rural no município de Cruz das Almas, segundo o último Censo, representava menos de 15% da população total. Cabe destacar que, já em 2017, estimava-se uma população de 64.932 pessoas.

E embora a parcela de população rural seja muito pequena quando comparado ao meio urbano, a área rural mostra-se de fundamental importância no que tange aspectos econômicos, pela diversidade de produtos disponibilizados no mercado, mas também representa uma importância em termos de organização social e comunitária. A agricultura Cruzalmense tem sua produção destinada ao consumo interno e também na venda no mercado, sobretudo nos mercados mais próximos, tanto no município, assim como, nas cidades mais próximas. O município tem o cultivo de citrus, mandioca e fumo como principais lavouras, além de hortaliças, leguminosas, frutas e flores. Atualmente o município possui 24 Organizações da Agricultura Familiar, sendo 06 com DAP jurídica (MAIS MERCADO, 2017).

Cabe ressaltar que, no município, além da feira itinerante, existe a feira livre tradicionalmente aos sábados no centro da cidade, e, algumas barracas ao longo da semana no mesmo local. Existe ainda, a Feira da Agricultura Familiar da Pumba (comunidade rural da cidade) recentemente promovida pela nova gestão municipal, a feira do bairro da Coplan aos domingos e a Feira da Agricultura Familiar da UFRB. No entanto, o estudo da feira itinerante, (Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária), objeto deste estudo, foi escolhido no

sentido de compreender uma nova alternativa de feira e a sua dinâmica, além da importância socioeconômica da comercialização para os agricultores, e, o acesso aos produtos pelos os consumidores.

O trabalho de campo teve como público alvo o grupo de Feirantes da Agricultura Familiar - itinerante, com intuito de buscar compreender o que mudou na vida desses atores após a articulação e criação dessas feiras, os principais problemas enfrentados e as potencialidades. Para essa investigação, foi necessária uma vivência com o grupo e visitas periódicas à feira, levantamento e coleta de dados a partir de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram gravadas para posterior análise.

Nesse processo de campo, a observação da dinâmica da feira e o diálogo com os atores envolvidos também foram estratégias de coleta de dados importantes, visando assim, compreender os interesses comuns e as perspectivas que levaram os agricultores a fazer parte do grupo de Feirantes de Agricultura Familiar e as transformações e desafios ocorridos na vida dos mesmos. A pesquisa contou com a colaboração (através de entrevista) ainda que relativamente pequena, da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente do município. Essa dificuldade surgiu a partir da impossibilidade em ter acesso aos arquivos de dados da fundação do projeto que, de acordo com a Secretaria, foram deletados na mudança da gestão municipal.

Esse levantamento de dados teve por finalidade formar uma teia entre conhecimento teórico adquirido ao longo da vida acadêmica com pesquisa empírica e assim, agregar clareza e consistência ao conteúdo a ser trabalhado. Para apresentação dos resultados, foi construído um texto na estrutura de monografia, destacando os conceitos principais, as informações e os resultados encontrados na pesquisa de campo.

2. O PERCURSO TEÓRICO

2.1 Agricultura familiar e políticas públicas

A agricultura familiar tem se tornado uma grande aliada do desenvolvimento do território local. As localidades rurais onde estão inseridos os grupos de agricultores familiares ganham destaque através das organizações sociais que surgem, como associações e cooperativas. Em geral, os grupos de agricultores familiares participam de projetos governamentais e através das organizações, trazem benefícios e visibilidade para a comunidade.

A agricultura familiar representa uma atividade de suma importância para o desenvolvimento do país, pois, tem papel fundamental na geração de emprego (ocupação) e renda e na produção de alimentos voltada para o autoconsumo possuindo assim, um caráter tanto social quanto econômico. Mas, também na produção de alimentos para o abastecimento interno, portanto, responsável por uma boa parte de tudo que é consumido pelos brasileiros, garantindo a segurança alimentar, como aponta dados do Censo (IBGE, 2006). Mas, qual o conceito de Agricultura familiar? Segundo o artigo 3º da Lei Nº 11.326, DE 24 DE JULHO DE 2006,

considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos: I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III - tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo; V - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

Schimitz e Mota (2008) ao buscar conceituar Agricultura Familiar ainda afirmam que,

Muitos pesquisadores escolhem o tamanho da área do estabelecimento como critério central para distinguir a agricultura familiar [...] Outros critérios discutidos são: o grau da utilização da mão-de-obra familiar a renda do agricultor, a significância do autoconsumo (subsistência), as regras de herança, a relação com os recursos naturais, a cultura, dentre outras possibilidades. (SCHIMITZ; MOTA 2008, p. 437)

Por outro lado, Lamarche (1993) reforça o conceito ao afirmar que a agricultura familiar constitui,

Uma unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família. A interdependência desses três fatores no funcionamento da exploração engendra necessariamente noções mais abstratas e complexas, tais como a transmissão do patrimônio e a reprodução da exploração. (LAMARCHE, 1993, p. 15).

Analisando os conceitos dados pelos autores, pode-se afirmar que a Agricultura Familiar é aquela onde a produção é realizada em pequenas propriedades, as famílias residem, quase sempre, no local da produção, tem cultivo diversificado, gestão e mão-de-obra proveniente do núcleo familiar, faz uso de pouco ou nenhum tipo de agrotóxicos e a renda é oriunda das atividades desenvolvidas no campo, seja como uma forma de complemento ou, em alguns casos, a única forma de rendimento das famílias, destinado ao seu sustento. No entanto, visando agregar valor à renda mensal, as famílias de agricultores buscam alternativas de inserção no mercado de trabalho em atividades para além das rurais. Conforme Model e Denardim (2011), os agricultores tendem a buscar novas fontes de renda a partir de atividades não agrícolas e essa interação de atividades consiste na chamada pluriatividade. Ainda segundo os autores, essa combinação laboral visa preservar os agricultores no meio rural.

Todavia, reconhece-se que a agricultura familiar requer uma estrutura governamental para seu desenvolvimento, através de políticas públicas. Cunha e Cunha (2002, p. 12) conceituam políticas públicas como “[...] linhas de ação coletiva que concretiza direitos sociais declarados e garantidos em lei. É mediante as políticas públicas que são distribuídos ou redistribuídos bens e serviços sociais, em resposta às demandas da sociedade”. E nesse sentido, “esses instrumentos e regulamentos públicos oferecem um amparo jurídico e protegem o produto da agricultura familiar ou da economia solidária da concorrência desigual do mercado de troca capitalista.” (SABOURIN, 2014, p. 2).

Dentre as políticas públicas para a agricultura familiar, pode-se destacar, como exemplo, linha de obtenção de créditos, assistência técnica de extensão rural, capacitação para a gestão do negócio e escoamento da produção, nas suas diversas modalidades. Para Schmitt e Grisa, (2013, p. 219) as “políticas de apoio à comercialização visam fundamentalmente corrigir falhas de mercado, contribuindo na construção de um ambiente favorável ao bom funcionamento dos circuitos mercantis [...]”.

Nesse contexto, vale destacar que em 1995 foi criado o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), que é um programa de política pública federal que tem a missão de promover o desenvolvimento local a partir do estímulo ao agricultor, sobretudo via acesso aos créditos que visam à melhoria da organização do empreendimento familiar, da estrutura produtiva e social, do incentivo ao maior uso da mão

de obra familiar, da motivação às atividades produtivas e retorno financeiro, e, portanto com vistas ao fortalecimento da agricultura familiar.

Carneiro (1997) traz um diagnóstico sobre as políticas, em especial, o Pronaf, já que é um programa Federal que visa alavancar o setor da agricultura familiar. Segundo a autora (1997, p.75), o Pronaf “atribui à agricultura um papel central na promoção do desenvolvimento econômico nacional e na melhoria das condições de vida da população [...]”, entretanto, pontua que há controvérsias sobre o intuito e real contribuição dessa política pública para os agricultores.

Os mercados institucionais representam outra iniciativa de política pública que visa agregar valorização aos produtos do agricultor familiar, uma vez que atua como porta de comercialização da produção agrícola dos empreendimentos familiares. Enquanto mercados institucionais têm-se o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). O PAA, criado em 2003, visa incentivar a agricultura familiar a levar alimento à mesa dos menos favorecidos. Esse mercado, através de organizações governamentais, busca adquirir a produção do agricultor familiar e destinar para pessoas com insegurança alimentar e nutricional e para setores assistenciais como orfanatos, hospitais e abrigos públicos.

No PNAE, a aquisição dos produtos oriundos da Agricultura Familiar é realizada pelos gestores das escolas por meio da Chamada Pública, dispensando-se o procedimento licitatório. Cabe destacar que, a partir da Lei nº 11.947 de 16 de Junho de 2009 ficou determinado que pelo menos 30% dos recursos financeiros repassados pelo governo federal através do Fundo Nacional de Desenvolvimento Escolar (FNDE) para o PNAE devem ser utilizados na compra direta dos produtos da agricultura familiar.

O PNAE é, portanto, uma alternativa de mercado, inclusão social, via comercialização do fruto do trabalho do agricultor familiar. E, neste sentido, busca romper com a forma que é percebida a agricultura familiar, ou seja, quase sempre, associada com a produção de autoconsumo e pano de fundo de políticas sociais assistencialistas e compensatórias.

Cabe destacar que para ter acesso às políticas públicas destinadas ao setor de desenvolvimento rural, o Agricultor Familiar precisa ter cadastro válido através da Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP). Observa-se também que, segundo o Decreto nº 9.064, de 31 de Maio de 2017, a DAP passa a ser chamado de CAF (Cadastro da Agricultura Familiar). É por meio desse documento que o agricultor é identificado e reconhecido pelos órgãos e agências

financiadoras como a Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (SEAD).

2.2 Comercialização: as experiências de feiras itinerantes

Sabourin (2014, p. 6) diz que “a comercialização dos produtos é um ato de troca”. É, portanto, a troca de bens ou serviços entre agentes com interesses em comum. Um dos grandes desafios para os agricultores familiares têm sido o processo de comercialização e todos os trâmites que envolvem os diversos canais de acesso aos mercados. Esses desafios estão atrelados ao fato de, muitas vezes, o agricultor ter dificuldade em deslocar-se com a mercadoria e ter o intermediário de mercado como principal fonte de escoamento de sua produção. Estes resultados, também aponta a fragilidade da nossa agricultura familiar.

Na falta de oportunidade de escoamento da produção agrícola, ou frente às dificuldades encontradas, os agricultores são obrigados a repassar os produtos a preços muito baixos para os atravessadores. Estes intermediários de mercado, os atravessadores, funcionam como um gargalo que interfere negativamente na lucratividade da produção, no sentido da redução dos preços de mercado, pois, os atravessadores ganham vantagem e desfavorecem toda a cadeia produtiva dos agricultores. Por outro lado, em alguns casos, a figura do atravessador apresenta-se como uma opção frente aos problemas como falta de transporte para o escoamento da produção, mercado mais seguro com garantia de venda dos produtos e falta de organização dos agricultores, dentre outros.

Como alternativa uma das formas mais antigas de escoamento da produção e participação da agricultura familiar são as feiras. As feiras estão inseridas nas chamadas cadeias curtas de comercialização que nada mais são do que canais que proporcionam a venda direta entre produtor e consumidor ou produtor e cooperativas, associações, restaurantes ou até um pequeno mercado local. Mascarenhas e Dolnazi (2008) trazem a importância desses espaços como oportunidade de geração de postos de trabalho, de renda e de desenvolvimento dos atores rurais. Para Model e Denardin (2010),

As feiras são eventos periódicos, que ocorrem em espaços públicos, no qual homens e mulheres realizam trocas comerciais de mercadorias com a finalidade de garantir suas condições materiais de vida. Formam circuitos locais de comercialização, circuitos curtos e podem colaborar com programas e estratégias de desenvolvimento local. (MODEL; DENARDIN 2010, p. 7)

Assim, as feiras são redes de comercialização onde, quase sempre os produtos vendidos são plantados e colhidos pela própria família ou, adquiridos na comunidade buscando fortalecê-la. Uma das experiências de feira de agricultores são as feiras itinerantes. Esses espaços são meios de inserção dos agricultores no ambiente urbano, na comercialização direta, na troca de experiências e aprendizado, e nesse Schneider e Ferrari (2015) afirmam que as feiras

[...] incorporam dimensões espaciais, sociais e econômicas. Espacial, ao reduzir a distância que alimentos viajam entre produção e consumo; social, ao promover contato face a face entre produtores e consumidores, promovendo confiança e integração comunitária na cadeia; e econômica, ao criar mercados locais para a produção permitindo aos produtores primários capturar mais valor da cadeia de alimentos. (SCHNEIDER; FERRARI 2015, p. 64)

Geralmente, as feiras itinerantes são montadas em pontos estratégicos das cidades onde existe um fluxo grande de passantes e de moradores que, de certa forma, moram longe da feira livre e que, muitas vezes, o acesso é mais complexo. Assim, corroborando com os autores, as feiras itinerantes tendem a ser um ambiente diversificado, um meio de sobrevivência dos saberes e vivências dos atores que a integram, objeto de mudanças nos espaços das cidades e empoderamento econômico. Sendo assim, o agricultor tem uma rentabilidade maior na venda direta dos seus produtos e o consumidor, por outro lado, pode ter certeza do tipo de alimento que irá colocar à mesa.

As feiras formam ferramentas de inclusão do agricultor no comércio local de forma direta sem que seja necessário vender os produtos a atravessadores, o que quase sempre, representa uma vantagem. São ambientes que permitem o escoamento da produção, a valorização do trabalho e a socialização entre consumidor e produtor garantindo a possibilidade de agregar renda (algumas vezes atua como renda principal) na vida dos agricultores familiares. Esses espaços contribuem para o crescimento cultural, a troca de saberes entre o povo do campo e o povo da cidade, a interação e a sociabilidade.

Dessa forma, as feiras itinerantes podem ser caracterizadas, além de um espaço de comercialização mais próximo dos consumidores em potencial, também como veículo de propagação de uma cultura e expressão de um povo ou ainda, espaço de identidade através das vivências e saberes. Essas feiras passam a existir a partir da idealização e articulação entre organizações comunitárias, governo municipal e parceria com outras entidades governamentais.

Em geral, esses espaços têm a infraestrua e a logística disponibilizadas pelo governo municipal, ou seja, a montagem e desmontagem das barracas e a locomoção dos agricultores e

da sua produção são feitas sem gerar custo para os agricultores, bem como, a divulgação do local, a data e o horário das feiras. Contudo, sabe-se que esse apoio logístico nem sempre é cumprido de maneira eficiente o que vem a ser um grande obstáculo na vida dos agricultores que moram em locais mais afastados. Nesse contexto, Badue e Gomes (2011) lançam uma alternativa ao afirmar que,

O transporte dos produtos e produtores até as feiras é um desafio. Para contorná-lo, os produtores de uma mesma região podem compartilhar o transporte e dividir seus custos. Outra possibilidade é adquirir um veículo de carga, que pode ser financiado por recursos para infraestrutura do Pronaf, se os produtores tiverem DAP. (BADUE; GOMES, 2011, p. 25).

No entanto, vale salientar que os agricultores, muitas vezes, são pessoas que necessitam de apoio e assistência técnica para participar de editais e garantir os recursos citados por Badue e Gomes (2011). Nesse contexto, Carneiro (1997, p.80) salienta que “[...] o apoio à agricultura familiar tem que ser pensado no âmbito do desenvolvimento local no qual os aspectos econômicos, sociais, ecológicos e culturais devam ser igualmente levados em conta na busca de soluções não excludentes.”.

Salienta-se, por outro lado, que esse tipo de projeto necessita de políticas públicas de incentivo ao crescimento e de assistência técnica mais efetiva, e um marketing mais forte para divulgação nos bairros além de promover um estímulo maior aos agricultores para produzir e comercializar tendo noção da importância desse tipo de comércio para si e para a população.

2.3 Gestão e a experiência dos núcleos de produção da agricultura familiar

A agricultura familiar precisa ser vista, principalmente, como uma empresa ou um negócio, que embora tenha um caráter peculiar, precisa possibilitar renda digna para os agricultores e para isso, é necessário, dentre outros fatores, que os atores envolvidos compreendam a importância do ato de planejar, organizar, dirigir e controlar, entendidos como função da administração, fundamentais para qualquer empreendimento. Nesse sentido, Gazzoni e Gubert (2014), apontam que a gestão de um núcleo da agricultura familiar,

[...] vai além do saber produzir, comprar, vender ou acompanhar as atividades produtivas no dia a dia porque envolve o desenvolvimento de habilidades gerenciais, que necessitam de constante capacitação técnica e aperfeiçoamento gerencial. Nesse sentido, o agricultor necessita empreender soluções que contribuam para o estabelecimento de parcerias, promovam a gestão participativa de toda a família e a busca constante de informações que permitam projetar tendências e aproveitar as oportunidades. (GAZZONI; GUBERT, 2014 p. 238)

Dalcin, Oliveira e Troian (2010, p.04) afirmam que “a atual necessidade da gestão da propriedade rural visa, de um lado, a administração de custos e do capital de giro de cada atividade desenvolvida na propriedade e por outro, o correto posicionamento da propriedade junto ao mercado, ao produto e ao cliente”. Schimitz e Mota (2008) trazem a agricultura familiar como uma “nova identidade de categoria social”. Autores como Lamarche (1993), Schimitz e Mota (2008), e Schneider e Ferrari (2015) concordam que na agricultura familiar todo o processo produtivo é feito, sobretudo, com mão-de-obra familiar, sendo assim, o trabalho em conjunto requer uma sintonia e um mínimo de entendimento sobre práticas gestionárias no meio rural.

Corroborando com os autores, cabe acrescentar que, a agricultura familiar ainda se apresenta de forma carente em relação à gestão participativa, mas também a autogestão do empreendimento, fragilidades que poderiam ser alteradas através da atuação mais presente das esferas governamentais, ainda que, nos últimos anos essa realidade tenha evoluído para melhor. Portanto, pode-se afirmar que a autogestão na agricultura familiar é uma das características fundamentais para o desenvolvimento do núcleo familiar e pode possibilitar condições igualitárias de trabalho, maior eficiência na produtividade, retorno financeiro justo, e, bem-estar para os membros envolvidos.

A autogestão pode ser definida, de acordo com Albuquerque (2003, p. 20), como o “conjunto de práticas sociais que se caracteriza pela natureza democrática das tomadas de decisão, que propicia a autonomia de um "coletivo".” Singer (2002) reforça o conceito ao ressaltar que

A autogestão tem como mérito principal não a eficiência econômica (necessária em si), mas o desenvolvimento humano que proporciona aos praticantes. Participar das discussões e decisões do coletivo, ao qual se está associado, educa e conscientiza, tornando a pessoa mais realizada, autoconfiante e segura. (SINGER 2002, p. 20)

Dessa forma, as famílias de agricultores familiares são responsáveis por todo processo de produção, no entanto, existe um chefe da família que determina quais os caminhos que todos deverão percorrer até chegar ao fator comum, ou seja, as famílias vivem de forma organizada numa interação entre gestão, trabalho e família. Essa hierarquia nada mais é do que uma maneira de conseguir planejar e executar as atividades com maior produtividade.

E nesse sentido, defende-se que autogestão é a maneira mais prática e indicada de gerenciar um empreendimento rural. Cabe dizer que a autogestão contribui não só para o desenvolvimento da agricultura familiar como também para a Economia Solidária. Singer (2002, p. 10) conceitua Economia Solidária como “[...] outro modo de produção, cujos

princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada de capital e do direito à liberdade individual”. Em âmbito geral e corroborando com o conceito dado por Singer, pode-se afirmar que a economia solidária é uma estratégia utilizada pelos trabalhadores a fim de obter uma economia justa e sem exploração. Dessa forma, a autogestão e a economia solidária caminham na mesma vertente.

Portanto, uma gestão (interna) bem planejada (atrelada a uma gestão governamental mais presente) contribui com o aumento da produção, equilíbrio das finanças (custos e lucros), otimização dos recursos humanos e a novas oportunidades de comercialização. Assim, o capital, insumos, tecnologia e mão-de-obra devem ser gerenciados de forma organizada e assertiva, gerando oportunidades de mercado, maior volume de produção e canais de comercialização, como é o exemplo das feiras.

3. FEIRA ITINERANTE NO CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR: A EXPERIÊNCIA EM CRUZ DAS ALMAS/BA

A seguir, o artigo descreve a origem da Feira da Agricultura Familiar, a sua contribuição para o fortalecimento das atividades socioeconômicas dos agricultores/feirantes, o marketing e logística utilizada e a interação social entre os atores da feira, os moradores e o público passante. Apresenta, ainda, as justificativas que levaram os agricultores a fazer parte do grupo de feirantes, os gargalos que geraram a evasão de grande parte dos agricultores, o que motiva a pequena parcela a continuar com a feira, as atividades produtivas e a forma de comercialização analisando a atual situação econômica, sociocultural e identitária dos feirantes.

Para trilhar a pesquisa de campo foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, previamente norteadas, para ter acesso às informações e, assim, dialogar de maneira simples e dinâmica, já que, o espaço utilizado, por muitas vezes, para manter esse diálogo foi o próprio espaço da feira. Cabe salientar que, as informações dadas pela Secretaria de Agricultura do município foram mínimas e bastante restritas, o que, de certa maneira, dificultou o acesso aos dados precisos como a data exata da inauguração do projeto e o acesso aos documentos da época.

3.1. Histórico e caracterização da feira em Cruz das Almas

A cidade de Cruz das Almas, local de estudo desse trabalho, vem crescendo e se tornando bastante procurada por moradores das cidades vizinhas, como, por exemplo, São Felipe, Maragogipe e Sapeaçu, por ser uma região de comércio variado e serviços (saúde, bancos, etc). Além disso, o município conta com instituições de nível superior como a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e de pesquisa como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). É comum andar nas ruas e encontrar pessoas de vários municípios em diferentes atividades como trabalhando, estudando ou ainda, buscando produtos no comércio.

A cidade destaca-se ainda pelo fato de ter uma feira livre (comum nas pequenas cidades), no centro da cidade aos sábados onde concentra agricultores de diferentes municípios circunvizinhos. Essa feira gera ocupação e renda não só para os agricultores como também, vendedores de lanches, almoços e camelôs diversos. Ao longo da semana existem as

feiras da Agricultura Familiar em bairros da cidade. Essas feiras são denominadas feiras itinerantes pelo fato de sua rotatividade em diferentes bairros.

A diversidade e quantidade de barracas e produtos, a localização (em geral em bairros fixos e amplos) e o volume de consumidores são fatores que diferem a feira livre das feiras da Agricultura Familiar. Geralmente, as feiras itinerantes da agricultura familiar são realizadas em pontos afastados do centro da cidade, a quantidade de barracas é reduzida, os alimentos são livres de agrotóxicos ou contém uma quantidade mínima. Tem um público consumidor mais preocupado com a alimentação e acontecem em dias alternados da semana enquanto a feira livre ocorre em dia fixo.

A feira a ser estudada é a Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária que acontece em bairros do centro da cidade. A pesquisa de campo apontou que o projeto da feira itinerante foi idealizado e implantado no governo municipal entre os anos de 2012 e 2016, com o intuito de promover espaços de desenvolvimento econômico, de inclusão social e produtiva do homem do campo através da venda de seus produtos no espaço urbano. Cabe destacar que a data e mês de funcionamento da primeira feira não foram informados pela Secretaria de Agricultura já que, segundo os servidores, os arquivos foram apagados pela gestão anterior. Entretanto, os agricultores afirmam que a primeira feira aconteceu em 2015.

A princípio a feira itinerante era realizada em bairros como: Baixinha da Vitória, Rua Rio Branco (Praça da FAMAM), Rua dos Poções, Rua da Malva, Praça do Soldado e Rua da Estação. Essas ruas eram previamente escolhidas pelos servidores da Secretaria de Agricultura municipal, onde eram analisados aspectos como: distância do centro da cidade, fluxo de pessoas, potencial de moradores dos bairros adjacentes. Em acordo com os agricultores, as barracas eram armadas, e a partir daí, era realizada a comercialização. A prefeitura doou 25 barracas, distribuiu aventais personalizados além, de luvas e máscaras para quem comercializava alimentos processados (com o tempo, os agricultores deixaram de usar) e disponibilizava transporte para os agricultores de localidades mais distantes como as comunidades do Caminhoá e Tereza Ribeiro.

Hoje, a feira itinerante é realizada em apenas 03 bairros: Rua da Malva, Praça do Soldado e Praça dos Artífices, já que, nos demais bairros, o resultado financeiro esperado não estava sendo alcançado. Por exemplo, o valor arrecadado ao final da feira era muito pequeno quando comparado aos três bairros acima. Outra questão levantada pela Secretaria de Agricultura é o fato de que a rotatividade de locais acarreta uma distância maior entre os dias de comercialização entre um ponto e outro.

Através da pesquisa de campo foi possível afirmar que essa diversidade de locais acaba interferindo negativamente na fidelidade da clientela. Essa negatividade é percebida porque a clientela, apesar de consumir os produtos da feira frequentemente, depende do local do circuito para ter acesso aos alimentos.

Cabe salientar que, inicialmente, de acordo com as entrevistas, eram aproximadamente 60 agricultores envolvidos com a feira (os agricultores eram inseridos no projeto da agricultura familiar através de organizações das comunidades rurais e forneciam produtos para serem comercializados). Desses 60 agricultores, 18 pessoas faziam parte da feira da agricultura familiar. No entanto, a feira era composta por 25 barracas sendo de 06 artesãos, 19 agricultores e 01 produtor de alimentos beneficiados.

Ao entrevistar uma das funcionárias vinculadas à gestão municipal da época e precursora do projeto, observou-se que a Feira da Agricultura Familiar era um sonho para além de estratégias políticas, mas, um desejo de trazer benefícios e melhorias para os agricultores familiares, desde o processo produtivo até o escoamento da produção.

Segundo a entrevistada, que era membro da Secretaria de Agricultura do período, o fato de ter experiência em relação aos assuntos do cooperativismo e associativismo contribuiu para promover o fortalecimento e alavancar o projeto, vislumbrando a necessidade de trazer o projeto da feira itinerante como um diferencial e a visibilidade aos agricultores, como fator fundamental para o projeto continuar. Parte da entrevista abaixo apresenta a experiência vivenciada pela entrevistada e precursora do Projeto da Feira itinerante.

Foi um trabalho cansativo, mas, muito satisfatório. A equipe da Secretaria era composta por profissionais de várias áreas. Tinha agrônomo, veterinário, assistente social, mas, toda segunda e quarta no final da tarde a gente saía pra montar as barracas (risos)... Muitas vezes, a colega disponibilizava o carro pra ir ao encontro do agricultor e trazer suas mercadorias. Tudo era feito com um prazer enorme e o resultado era o abraço e a satisfação daquelas pessoas. A gente comprava os produtos. A gente ajudava na comercialização. Tinha o lado político, lógico, eu era funcionária né?! Mas, tinha amor pelo que era feito, tinha prazer em contribuir. (ENTREVISTADA, 05/07/18)

Ela contou ainda que foi um processo de “formiguinha” e que buscava os agricultores através das associações rurais. Ressaltou ainda que os agricultores demonstravam satisfação em participar das feiras. Nesse sentido, cabe acrescentar que os espaços de feiras itinerantes são meios de inserção dos agricultores familiares no meio urbano, no processo de comercialização de seus produtos e troca de experiências e aprendizado.

3.2. O desafio de comercializar

O município de Cruz das Almas lançou em 04 de Maio de 2018 o programa Cruz Mais Forte que tem como objetivo fortalecer e agregar valor para a agricultura familiar. Esse programa tem várias ações. Dentre elas, destaca-se a Comercialização dos Produtos Agrícolas, e, é por meio dessa ação que o projeto da feira itinerante da Agricultura Familiar tem dado continuidade, uma vez que o programa busca prestar apoio e assistência na organização das feiras e na infraestrutura.

De acordo com a Secretaria da Agricultura e Meio Ambiente municipal, para ter acesso às ações do programa Cruz Mais Forte é preciso dirigir-se à Secretaria e apresentar documentos pessoais e de residência, todavia, todos os agricultores, independente de estarem inscritos ou não, são beneficiados por meio de associações e de cooperativas ou outras organizações que estejam inseridas. Por exemplo, no início de 2018, segundo a Secretaria de Agricultura, foram distribuídas 12 mil sementes e mudas frutíferas (mandioca, cacau seminal e clonado) através das associações comunitárias e a maioria dos integrantes da feira teve acesso a essas sementes por meio das organizações rurais da qual fazem parte.

Os principais produtos vendidos nas barracas são em sua maioria alimentos in natura variados como frutas (coco, laranja, acerola, manga...), legumes, hortaliças, verduras, mas também produtos processados como o biscoito de goma, temperos, o bolo de carimã, bolo de folha, licor, chips de mandioca, pamonha, farinha, beijus, além do queijo artesanal e do mel. (Figura 01)

Figura 1- Alimentos dispostos nas barracas no momento de comercialização



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

As barracas são armadas pela Secretaria no dia anterior e os agricultores chegam por volta de 06h e ficam aproximadamente até às 14h. Os produtos que não são vendidos no dia da feira são levados de volta para casa, os que são menos perecíveis podem ser comercializados na feira do dia seguinte já os demais, são consumidos pela família ou doados.

Importante salientar que das 25 barracas, atualmente, só restam 08 e apenas 05 feirantes (agricultores) são assíduos. Ou seja, estes estão com frequência em qualquer um dos bairros que a feira esteja (Figura 02). Veremos mais a frente os motivos que levaram a essa evasão.

Figura 2- Barracas montadas lado a lado na Praça do Soldado



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Quando questionados sobre como obtiveram conhecimento do projeto, os mesmos afirmaram que foram convidados a participar da “Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária de Cruz das Almas” pelo fato de já ter participado de algum tipo de programa voltado para a agricultura, por estarem inseridos em organizações rurais, e, por terem acesso ao Pronaf ou mercados institucionais. “Conheci a feira por intermédio de um projeto promovido pelo governo do estado e desenvolvido pela CAR (Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional) que era a Alimentação Saudável, e, sou pronafiano há muito tempo” afirma um dos agricultores que já não faz parte da feira.

A tabela 1 a seguir traz dados dos agricultores que participam com maior frequência na feira itinerante. Serão utilizadas letras do alfabeto para identificar os agricultores a fim de proteger a sua identidade.

Tabela 1- Identificação dos entrevistados que participam ativamente da feira

	A	B	C	D	E
Localidade	Caminhoá	Centro da cidade	Tereza Ribeiro	Ponto Certo	Caminhoá
Identidade	Agricultora e comerciante	Economia Solidária	Agricultora e comerciante	Agricultora e comerciante	Agricultora, comerciante e Presidente de Associação
Produtos próprios	Produção agrícola (aipim, batata, laranja, pimenta...)	Biscoitos e doces em compotas (60%)	Produção agrícola (aipim, batata, laranja, pimenta...)	Produção agrícola além do beneficiamento da mandioca e de outros alimentos	Produção agrícola (frutas, verduras...)
Aquisição de produtos de outras comunidades	15% advém da comunidade e 5% de comunidades vizinha	Queijo e mel de fornecedor fidelizado (40%)	15% advém da comunidade e 5% de comunidades vizinha	Comerciliza sempre da própria comunidade	Banana-da-terra orinda de outra cidade
Importância da feira	Renda e realização pessoal/profissional	Renda e continuidade da produção atesanal	Renda e realização pessoal/profissional	Renda e realização pessoal/profissional	Renda e realização pessoal/profissional
Fator Econômico	Renda complementar (Fundamental)	Renda extra	Renda complementar (Fundamental)	Renda complementar (Fundamental)	Renda complementar (Fundamental)
Vínculo com programas governamentais	Bolsa Família e Pronaf	Aposentado	Bolsa Família e Pronaf	Bolsa Família e Pronaf	Bolsa Família e Pronaf

Fonte: pesquisa de campo, 2018.

Conforme já foi citado, dos 08 agricultores que compõem a feira atualmente, apenas 05 frequentam com regularidade. São pessoas de localidades distintas sendo, 02 da comunidade do Caminhoá, 01 do Tereza Ribeiro, 01 do Ponto Certo e um do bairro Rio Branco (zona urbana). Os agricultores (A), (C), (D) e (E) são assistidos pelo Bolsa Família e pelo Pronaf, têm a feira como complemento de renda e moram no núcleo de produção. Estes informaram que não desenvolvem outra atividade fora da agricultura, mas, no entanto, ressaltaram que alguns de seus familiares sim. A agricultora (E) está presidente da Associação da comunidade onde mora e apenas (A), (D) e (E) frequentam além da feira itinerante, também a feira livre aos sábados.

A feira em sua concepção deveria ser composta por agricultores familiares, no entanto, o entrevistado (B) é morador do centro da cidade. Ele é único feirante que não está na categoria de agricultor. O entrevistado caracteriza-se como representante da Economia Solidária. Questionado sobre sua declaração, o feirante afirmou que beneficia a matéria prima e produz os alimentos (processados) vendendo-os com valor justo, sem explorar ou ainda querer levar vantagens do consumidor final. Em sua fala, conclui,

Olha, não vou saber falar como os livros, mas, sei que economia solidária é uma maneira diferenciada de produzir e de comercializar sem querer levar vantagens e também, é..., o fortalecimento de grupos a partir dos produtos beneficiados. Minha esposa e eu quem fabrica os doces. Então, não posso cobrar preços abusivos. Tenho que ser justo. Nosso comércio é justo. Vendemos produtos livre de produtos químicos, e mesmo assim temos um preço baixo. É uma rede de cooperação. (ENTREVISTADO B)

O senhor (B) comercializa produtos beneficiados na própria casa como o biscoito de goma, temperos, doces de goiaba, tomate, laranja kinkan e jenipapoeim compotas e ainda, o mel e o queijo que adquire com os mesmos fornecedores há anos. O entrevistado é aposentado e encontra nesse espaço uma forma de estar inserido no mercado de trabalho e ter uma renda extra. Ressaltou que comercializa com o grupo toda terça e quinta e que, nas sextas-feiras, monta barraca na Feira da Agricultura Familiar que acontece na UFRB. Não costuma participar da feira livre que acontece aos sábados. Acrescentou ainda que adquire mel e o queijo dos mesmos fornecedores do pelo fato de ambos terem uma visão de comercialização justa e solidária.

Ainda de acordo com a tabela 1, o projeto tem importância notória no que tange ao aspecto econômico, ao destacar o fator renda como um item de relevância significativa da feira. Para os agricultores, essa alternativa de desenvolvimento gera a liberdade econômica tão valorizada e importante no meio rural, em especial, dos agricultores familiares que muitas vezes, não tinham renda fixa e passaram a ter após a sua inserção na feira itinerante. Contudo, sabe-se que alguns integrantes da família buscam outras fontes de obtenção de renda como o comércio, a construção civil, a venda de cosméticos, serviços gerais, entre outros.

Um fato que merece destaque é a composição da feira que, em sua maior parte, é composta por mulheres desde o início do projeto. Essa realidade é possível já que o trabalho braçal é realizado, em sua maioria, pelo homem. À mulher cabe o cuidado dos filhos, tarefas domésticas e a comercialização. No entanto, as mulheres declararam que também contribuem “ajudando” no plantio e na colheita e tem a feira como forma de inserção e empoderamento no mercado de trabalho. E nesse sentido, as mesmas desempenham uma função dupla, ao mesmo tempo em que trabalha na lavoura e na comercialização também são responsáveis pelas atividades de casa, dos filhos e do marido.

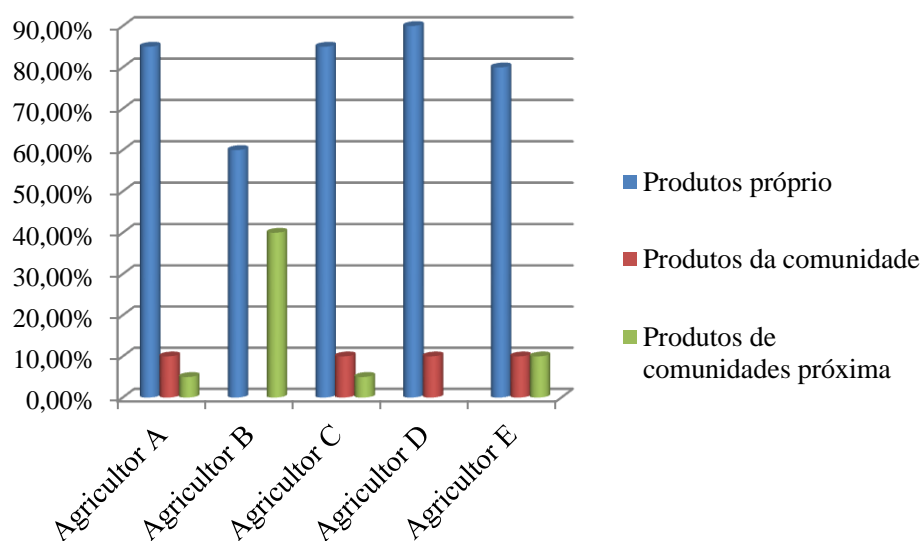
Com o trabalho de campo, foi possível observar que os horários de maior movimento são entre 07:30h e 08h e depois de 12h justamente pelo fato de ser o horário de fluxo de trabalhadores indo e vindo de suas atividades cotidianas. No entanto, o senhor (B) volta para casa às 12h já que prioriza o almoço em família. Outra questão é o dia de quinta-feira. De forma unânime, os entrevistados disseram que o melhor dia para comercialização é na quinta-

feira independente do ponto em que estejam. “Acho que é porque a geladeira já tá vazia né?” contou uma das agricultoras. E o ponto destacado nas entrevistas como o melhor local para a comercialização, seja durante as terças ou às quintas-feiras, é a Praça dos Artistas já que ali “passa mais gente e a praça é mais aberta”, completou a agricultora (D). Logo, o fato de ser um bairro com volume maior de moradores e ser distante de mercadinhos contribui para ser o ponto de destaque da feira itinerante.

Em relação às atividades produtivas e a forma de comercialização, em campo, foi possível observar que a plantação e colheita são feitas em família e que, devido à demanda, alguns produtos são adquiridos da própria comunidade e de terceiros (pessoas comunidades distante, mas, agricultores familiares) para revenda ou ainda, de outra cidade, como é o caso da agricultora (D) que comercializa banana-da-terra oriunda da cidade de Santo Antônio de Jesus e do feirante (B) que comercializa mel. Conforme entrevista: “buscamos vender o que a gente produz só que às vezes não dá certo, ai, a gente compra o mínimo só pra ter na barraca” afirmou um dos agricultores. Outro agricultor completou: “tem vezes que nós leva os produto dos vizinho, gente da associação... vende e entrega o dinheiro certinho... na comunidade um ajuda o outro (sic)”.

No gráfico 01, destaca-se a origem dos produtos da feira e a quantidade. Nele, é possível observar que todos os integrantes da feira priorizam comercializar produtos próprios, ou seja, àqueles produzidos diretamente por eles e seus familiares em suas propriedades. Entretanto, declararam que também adquire uma quantidade mínima de produtos de outros agricultores da própria comunidade, sobretudo, devido à escassez em seu núcleo familiar ou a fim de diversificar os produtos da barraca. E outros ainda, em menor percentual, declararam que compram produtos de terceiros (agricultores familiares de comunidades distantes).

Gráfico 1 - Aquisição de produtos por cada agricultor



Fonte: Pesquisa de campo

Assim, a partir do gráfico, observa-se que a agricultora (D) não costuma comprar de outras comunidades e sim, vender aquilo que produz, mas, adquire 10% com agricultores do núcleo familiar (salienta-se que esse percentual tende a cair quando a agricultora percebe que a oferta está maior que a procura). Já a agricultora (E) tem 80% da barraca composta por produtos próprios, 10% de produtos da própria comunidade e 10% de outras comunidades, como a banana-da-terra, por exemplo, que vem da cidade de Santo Antônio de Jesus. Dessa forma, (A) e (C) comercializam a mesma proporção: 85% de produtos oriundos do núcleo familiar, 10% da própria comunidade e apenas 5% de outras comunidades.

Importante salientar que o termo “comunidade próxima” é utilizado para caracterizar regiões com cerca de mais de 1km (raio) de distância do núcleo familiar. Cabe destacar também que, os agricultores buscam adquirir produtos de outros agricultores familiares, no entanto, acabam exercendo a função de intermediário de mercado já que estabelecem uma relação de compra e venda.

O campo apontou ainda que todos plantam aipim, batata, inhames e hortaliças, todos comercializam as frutas de suas terras, alguns têm lavouras de feijão, todos plantam produtos sazonais como milho, andu e amendoim. Apenas 01 agricultora vende bolos de folha, pamonhas e outros, já os demais agricultores vendem alimentos beneficiados esporadicamente.

Logo na primeira semana de pesquisa de campo, 15 de Maio de 2017, uma terça-feira, ao chegar à feira, a recepção pelos agricultores foi com sorrisos e a agricultora (A), simpática e falante, foi a primeira a manter contato. Quanto às motivações em participar da feira,

observou-se que a priori, para o grupo, o retorno financeiro era o fator primordial para participar e prosseguir no projeto. Segundo (A), a feira foi uma oportunidade de crescimento pessoal.

Em uma de suas fala, (A) deixou-se emocionar ao dizer:

Sabe, sempre morei na roça... Caminhoá, você conhece? Passei a vida inteira plantano e colheno de tudo que a terra dá. Vendo meus produtos na feira do mercado e um dia me chamaro pra criar um grupo de feira diferente... que eu ganharia mais dinheiro e aquilo me deixa feliz. Pensei né? Se der certo é bom e se num dá, paciência. Comecei, gostei e tô até hoje. Aqui eu conheci muita gente, menina. Tenho amigos, freguês... a gente se diverte, né? A gente se ajuda um bocado, né? E o dinheiro daqui como o dinheiro da feira de sábado já ajuda o marido a completar a renda de casa comprar as roupa dos menino (sic). (A, AGRICULTORA)

A entrevistada acima (A) é mãe de 04 filhos, reside no Caminhoá (zona rural), comercializa aipim, batata e outros produtos além, da lavoura sazonal como milho e amendoim, deixou claro que sempre plantou e colheu junto com a família e a divisão laboral é feita em conjunto. “É da roça que nós tira nosso sustento. Tem que trabalhar junto”, disse. Ela ressaltou ainda que possui benefícios governamentais como o Bolsa Família e Pronaf. “Recebo bolsa família... o dinheiro é poquinho, né? Uso pra comprar as coisas dos menino pra escola”, diz.

Quando perguntado sobre os desafios e as dificuldades relacionadas à feira itinerante e a vida no campo, a entrevistada (A) manteve-se com o pensamento longe por alguns instantes e concluiu:

Menina, quem mora na roça sabe que a vida é difícil. Não reclamo, gosto de morar lá. Nunca tive vontade de morar na cidade. A feirinha é boa, dá um lucrinho. A dificuldade é a banca que é alta e eu só pequena (sic) e a divulgação que nós não tem. Às vezes, o cheiro ruim também atrapalha a vendagem... Fezes de animal, lixo... Só me queixo disso. (A, CAMINHOÁ)

De acordo com o grupo, a ideia de participar da feira era motivadora e ao mesmo tempo desafiadora porque era um projeto novo e instigava, a princípio, qual seria o retorno financeiro já que, são agricultores e dependem do campo para tirar o sustento da casa. “Eu fiquei feliz e ansiosa pra começar, tô até hoje”, conta a agricultora (D). Todavia, questões como a forma de transportar o agricultor e os produtos para o local das feiras era preocupação que gerava receio e temor quanto ao insucesso do projeto. Essas questões ainda representam gargalos que traz dificuldades para os agricultores no plano da comercialização.

Sabe-se que existem moradias que são distantes das estradas vicinais e isso interfere negativamente na vida do agricultor que depende de transporte coletivo uma vez que precisam acordar mais cedo que o habitual, deslocar-se com as mercadorias em carros de mão ou

animais, conforme entrevista: “a gente mora longe... tem casa que o carro não passa na porta e a pessoa tem que andar até chegar no ponto”, afirma (D).

Após a declaração a respeito do transporte, surge uma inquietação: Será que o transporte cedido pela prefeitura é fator fundamental pra continuação da feira? A resposta, após a análise do trabalho de campo é que não, justificada pela permanência dos agricultores (feirantes), ainda que não tenham tido continuidade à logística, inicialmente fomentada pela prefeitura. Assim, mesmo as localidades rurais estando um pouco distante dos locais onde acontecem as feiras, o projeto continua tendo viabilidade financeira, como veremos mais a frente, e nesse sentido, o deslocamento é realizado sob a responsabilidade do próprio agricultor (feirante).

A senhora (E) está presidente da associação comunitária e conta que “a feira contribui para dar visibilidade à Agricultura Familiar e aos produtos”. Mãe de 08 filhos, a agricultora planta e colhe junto com o marido já que os filhos estudam fora, como ressaltou: “meus meninos ganharam outro rumo, eles fazem faculdade e vejo como coisa normal a evasão dos jovens... mas, fico triste porque o campo tá ficando velho”, conclui. A agricultora refere-se ao fato da perda gradativa de sucessão dos saberes e produção na agricultura com a saída do jovem do meio rural. Mas, por outro lado, entende as decisões de sair para estudar. Ela é uma das que participa da feira desde a implantação e o fato de ser presidente da associação, às vezes, impede que trabalhe toda semana, contudo, busca estar sempre presente.

Ainda sobre as dificuldades, a falta de divulgação foi um problema apontado como obstáculo por todos os integrantes que compõem a feira atualmente. Ainda de acordo com o grupo, logo no início da implantação da feira passava um carrinho/bicicleta de som (no dia anterior) avisando que a feira itinerante estaria naquele bairro no dia seguinte e hoje essa ação deixou de acontecer, e, este fato tem implicações diretas no sucesso da feira, e inclusive para a sua continuidade. Em relação a esta questão: “a prefeitura diz que não tem recursos pra colocar carro de som e outro dia queria que a gente desse contribuição pra pagar som”, acrescenta um dos entrevistados.

Um dos servidores da Secretaria de Agricultura afirmou que essa é uma das questões mais debatida entre os agricultores e a secretaria. “Isso é uma cobrança deles e que até hoje a gente não conseguiu fazer”, afirmou. Em trecho da entrevista ele conclui,

Nós até fazemos a divulgação pelas redes sociais. Tem uma imagem e tem o áudio. A gente manda muito pelas redes sociais e pelos canais da prefeitura, mas, até hoje a gente não conseguiu ainda fazer essa divulgação. É... de maneira de carro de som... até porque dos procedimentos burocráticos, que acontecem nos serviços públicos né? Mas, enfim... A gente observa que os agricultores ainda enfrentam uma grande dificuldade no sentido assim, as vezes até da exposição do produto né?! Como esse

produto é exposto pra que o consumidor olhe e diga assim, eu vou comprar esse produto né? [...] pra que o consumidor se sinta atraído né? (ENTREVISTADO, 10/07/18)

Em sua fala, o entrevistado apresenta a falta de recurso financeiro como fator determinante para realizar a divulgação seja por carro de som ou via rádio. Acrescentou ainda que a Secretaria oferece oficinas de boas práticas na comercialização de produtos nas feiras, no entanto, os agricultores sentem dificuldades em compreender que a exposição dos produtos implica no resultado das vendas.

Cabe salientar que, os agricultores necessitam buscar meios próprios de divulgação. Uma alternativa poderia ser a criação de um fundo financeiro para a realização do marketing. Por exemplo, a cada feira realizada, cada agricultor deveria depositar uma quantia definida entre eles para o pagamento da bicicleta de som, considerando que este é um mecanismo útil e com valor acessível.

Em geral, os produtos comercializados são expostos nas bancas em pequenos montes a fim de chamar a atenção do cliente. Não existem placas sinalizadoras de preços e, muitas vezes, os produtos são retirados da terra e trazidos ainda com resíduos ou, das árvores com as folhas, o que, para os agricultores, é uma forma de agregar valor ao produto já que o “cliente olha e diz é novinho, ainda tem terra”, brincou uma das agricultoras.

É notório que em qualquer empreendimento de comercialização é essencial que haja uma divulgação pertinente e ações estratégicas de marketing como a propaganda e o *merchandising*. Estas ações nos empreendimentos têm por finalidade trazer clientes e visitantes para consumir os produtos e para os circuitos de feira não existe diferença. É fundamental a divulgação dos locais, horários e produtos a fim de lembrar aos moradores e atrair outros consumidores de que, naquela terça ou quinta, terão produtos frescos e naturais perto de casa. Segundo (B), único produtor que não se enquadra na categoria da agricultura familiar, “a feirinha é um meio de divulgar os meus produtos, deixo o cartão visita com as pessoas e elas me procuram”, diz.

O saber profissional é fundamental para garantir uma boa venda. No entanto, notou-se em campo que o carisma, a disposição em mostrar os produtos, a linguagem corporal e oral contribuem com a finalização da venda. Dessa forma, os integrantes da feira, além de conquistar novos clientes, fidelizam os que já existem. E nesse contexto, salienta-se ainda que a relação entre agricultor e consumidor não se apenas estabelecida como relação comercial, mas também de interação social.

O planejamento, o preço do produto, a divulgação e execução da feira, e ainda, a comunicação entre cliente e comerciante funcionam em efeito dominó, ou seja, um determinante influencia o outro. Desta maneira, é imprescindível que exista uma participação ativa da Secretaria da Agricultura a fim de analisar os fatores que interferem na propagação e fortalecimento das feiras. O intuito da secretaria deveria ser o buscar fortalecer o projeto a partir de treinamentos e acompanhamento. Esse apoio é fundamental importância e necessidade, e cabe à secretaria mostrar meios de incentivar e educar os agricultores a padronizar suas técnicas de venda, vestimentas, apresentação do produto e meios de divulgação.

Quanto à concorrência de mercado, ainda em campo, pode-se constatar que o mercado local (supermercados e sacolões) não interfere na comercialização, uma vez que os produtos da feirinha são de origem conhecida o que agrega valor e ganha destaque em relação a outros, já que as pessoas têm tido um olhar mais cuidadoso para com a saúde. O preço e a organização dos produtos nas barracas ficam a cargo de cada agricultor. Os preços dos produtos são definidos a partir da oferta e a demanda do mercado local, do valor de aquisição da mercadoria ou ainda conforme os feirantes. “A maioria dos produtos é do terreno próprio ai, quando chegamos aqui combinamos o valor pra ficar justo e todo mundo vender”, conta uma agricultora. Contudo, o fato da forma de pagamento ser exclusivamente em espécie, contribui para dificultar as vendas ainda que, em pequena escala, conforme apontou trabalho de campo.

Importante destacar que as feiras acontecem também nos eventos festivos e culturais da cidade como, por exemplo, no São João. Os agricultores do circuito são convidados a juntar-se com outros agricultores e artesãos e recebem suporte na logística e na divulgação para facilitar escoamento de diversos produtos. Em geral, no período junino, as feiras acontecem na praça principal, Praça Senador Temístocles, e têm duração igual aos festejos. “Eu sempre vou, o dinheiro é bom e ainda me divirto. Conheço gente nova. Fui os quatro dias esse ano.” conta a entrevistada (A). Já a entrevistada (C), afirma, “O lucro é bom, mas esse ano eu preferi descansar e aproveitar pra me dá férias de uma semana”. Esse ano apenas 04 agricultores estavam presente no evento. São eles: (A), (B), (D) e (S) (O senhor (S) tem pouco tempo de participação no projeto como veremos mais à frente).

Sabe-se que as ruas onde acontecem as feiras itinerantes são escolhidas estrategicamente. São bairros distantes do centro de abastecimento como a feira livre e os sacolões, e com grande volume de tráfego de pessoas seja a pé ou com transportes e em geral, a feira acontece em pracinhas. Quanto ao visual do ambiente, percebe-se que os animais que

ficam soltos nas ruas à noite defecam próximo das barracas e o resíduo não é retirado gerando mau cheiro, como sinalizou uma entrevistada: “a gente comercializa alimentos, bolo, biscoitos, queijo... o cliente vai se sentir bem com um fedor desses?” Outra entrevistada fez questão de deixar claro que: “o lixo que a gente produz a gente leva pra casa”.

Outro fator que gera insatisfação é a estrutura das barracas que “são altas e dificulta na vendagem”, afirmou uma agricultora. Cabe concluir que as barracas em altura menor facilita a exposição do produto deixando-os mais atrativos para o consumidor. Segundo o grupo, as barracas eram em outra modelagem e foram trocadas na gestão municipal atual. As barracas são dispostas lado a lado, atualmente, possuem lona branca com estrutura de ferro (Figura 03) e por serem altas, as mulheres reclamam constantemente. Salienta-se ainda que, as barracas antigas eram mais largas, possibilitando refúgio contra a chuva e o sol. Já as atuais, são confeccionadas em estrutura de ferro com bancada estreita, fator desfavorável para os agricultores.

Figura 03- Estrutura das barracas. Observa-se que as barracas em lona listrada são as antigas sendo as de lona branca, as atuais.



Fonte: A: Arquivo da prefeitura municipal de Cruz das Almas.

Fonte: B: Pesquisa de campo, 2018.

No que tange ao processo de produção, notou-se que as famílias buscam caminhar unida afim de, alavancar e fortalecer a economia familiar e da comunidade rural inserida. A este respeito, afirmou um agricultor:

Eu costumo dizer que agricultor familiar é um pequeno empresário. Ele tem que raciocinar como uma empresa senão, não dá certo. A gestão é aquela história né? A gente tem que está sempre preocupado em diminuir os custos de produção... e, aquelas diversas vertentes e os diversos itens da gestão financeira que a gente tem que tá considerando. Tem que ter uma preocupação muito grande no cálculo de formação de custos. A gente tem que tá preocupado em acompanhar o comportamento do mercado e o calendário agrícola da região. E está focado nas

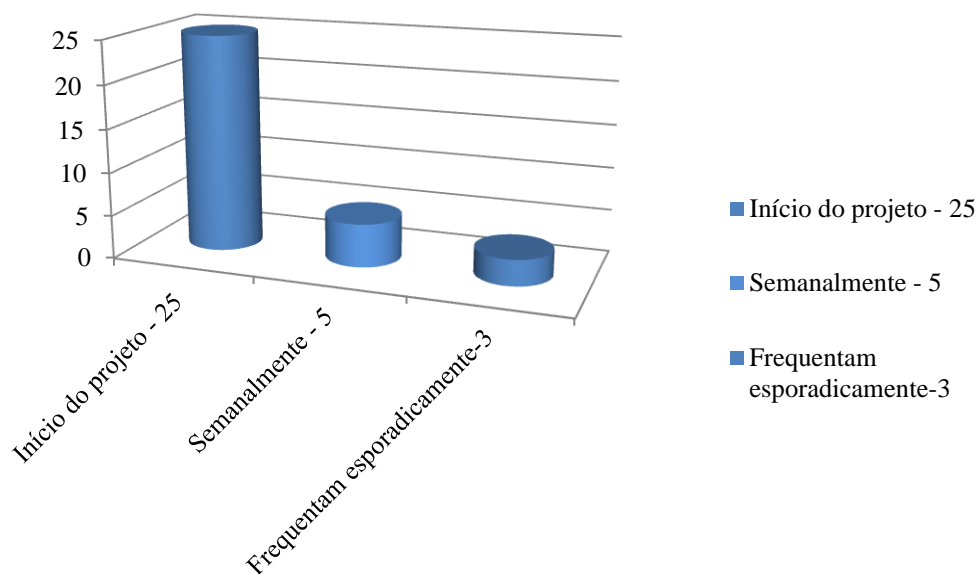
sazonalidades e também no controle da produção. E tudo isso em família.
(AGRICULTOR, 14/07/18)

A agricultura familiar só é edificada e fortalecida a partir de uma gestão justa e igualitária desde a produção (escolha do local de plantio), as finanças (sementes, adubos...), os recursos humanos (a mão-de-obra familiar) até a comercialização (preço e mercados) é fundamental que exista seriedade, respeito e principalmente, responsabilidade entre os integrantes da família. Todavia, é necessário estar atento, pois, não adianta ter uma gestão familiar fortalecida se a feira é promovida pelo governo municipal, mas, esse, não apoia integralmente. Esse apoio deve acontecer de modo que os agricultores possam aprender a gerenciar toda a cadeia do projeto (desde o plantio até a divulgação). Portanto, inúmeros fatores são responsáveis pelo sucesso do núcleo de produção ou de um empreendimento de agricultores familiares, dentre ele o mais expressivo é a autogestão que gera autonomia, gestão participativa e confiança entre os familiares, mas também o suporte externo.

Um fator que merece destaque é que todos os entrevistados declaram que possuem outras fontes de renda e as feiras atuam como renda adicional ou extra. Os agricultores juntamente com a família buscam alternativas de obtenção de renda para além da propriedade rural. Dentre as atividades desenvolvidas estão: a fabricação de derivados da mandioca através das associações das comunidades onde reside, a venda da produção para supermercados e padarias, comercialização de cosméticos e confecções de porta em porta, serviços gerais, o Bolsa Família e a própria aposentadoria. Os filhos em idade escolar frequentam as unidades de ensino em um período e contribuem com a produção na outra parte do dia.

Em relação à evasão dos feirantes, conforme informa o gráfico (02), o projeto contava com 25 barracas entre agricultores e artesãos, hoje menos de 1/3 desse número se faz presente. Foi constatado que os 06 artesãos foram deslocados para o Centro de Economia Solidária (Cesol) que fica na Praça Senador Temístocles, centro de Cruz das Almas, com o intuito de fortalecer e da visibilidade a essa categoria, no entanto, nem todos continuam na organização.

Gráfico 2- Quantidade de feirantes desde o início do projeto até os dias atuais



Fonte: Pesquisa de campo. Sabe-se que das 25 barracas, apenas 18 eram de agricultores.

Os 03 agricultores que não frequentam com regularidade afirmam que a falta de transporte e de assistência técnica são fatores que contribuem para a desmotivação e algumas vezes, a própria escassez de produtos e o período de plantio interferem. A pesquisa de campo ainda pontuou que as razões que contribuíram para a saída definitiva de vários agricultores da feira foram a mudança de gestão municipal e a falta de um assessor que intermediasse as necessidades dos agricultores e buscasse incentivos e soluções para os obstáculos frente à Secretaria. Contudo, razões como aposentadoria, problemas de saúde ou outras atividades laborais também foram motivos apontados para o afastamento.

O senhor X é um dos agricultores que consta na lista dos atores que fizeram parte do início da feira. Em visita à sua casa, o agricultor afirmou que o principal motivo que o levou ao afastamento da feira itinerante foi a falta de apoio tanto na logística, com o transporte, quanto com a maneira de atrair o olhar do consumidor, a divulgação. Ele afirmou ainda que no início existia apoio inclusive para garantir o escoamento da produtividade e isso motivava o agricultor “No começo tinha gente que ajudava nas venda né? [...] ajudava a gente a fazer freguesia”, acrescenta. Em contato com o grupo de agricultores que deixaram de frequentar a feira, observou-se que a falta de assistência prestada pela Secretaria foi o fator primordial que acarretou a saída de mais de 50% dos agricultores. Em trecho da entrevista, outro agricultor que não frequenta regularmente afirma,

Eu pagava o meu carro aqui e saia pra lá. E... ai, quando eu colocava vinte real de gasolina... é... as vezes vendia menos de vinte. Ai, né?... Eu disse, pra que dá murro

em ponta de faca?! Então deixa queto... Eu não tô fora da feirinha, tá entendendo? Eu tô lá... Quando tiver mercadoria minha eu vou pra lá mas, pra eu comprar pra levar eu não vou, tá entendendo? (sic) (AGRICULTOR Y)

Os entrevistados concluíram que nos primeiros 12 meses o escoamento dos produtos da feira era feito de forma participativa entre os funcionários da Secretaria e os agricultores o que, garantia renda e a satisfações em participar do projeto. Vale ressaltar que essa interação ainda existe, contudo, numa escala muito menor, segundo o campo.

Constatou-se a partir das entrevistas que, em suma, o fator determinante para a saída de muitos agricultores é insatisfação com a forma como o projeto tem sido conduzido, em geral, reclama-se de não existir assistência ou ainda, gestão compartilhada (para atender as carências da feira) entre os agricultores e agentes da secretaria. “Não basta dar o anzol, tem que ensinar a pescar. A gente só quer visibilidade e que dê apoio a nós” ressaltou um dos agricultores.

Em visita à sua casa, o agricultor (K) afirmou que deixou de frequentar a feira itinerante por problemas de saúde, conta com detalhes a experiência da feira em sua vida:

É um projeto bonito e além de bonito ele é necessário. É necessário e importante para a agricultura familiar. Por exemplo, é...é... principalmente aqui na nossa região que o perfil dos agricultores é... nós trabalhamos em minifúndios... São pequenas propriedades... né? “[...] o cacho da banana a gente tira o de consumo e vende o restante. O que se planta e colhe é pra nosso sustento.” (K, 75 ANOS)

Nascido no campo e criado na capital, o senhor (K) é exemplo para os demais agricultores. Nascido na zona rural passou a vida adulta na cidade grande e voltou para o campo com aproximadamente 50 anos e a vontade de ter uma vida saudável e trazer o diferencial para o meio que estava inserido possibilitou experiências como 10 anos de presidente de associação da comunidade rural de Tapera e Corta Jaca, inserção ao Pronaf e acesso a créditos, participação nas feiras da Agricultura Familiar.

Para o senhor (K), as feiras da Agricultura Familiar ganha destaque também em sua importância como meio de empoderamento socioeconômico já que, muitos agricultores dependem do atravessador/intermediário de mercado para comercializar seus produtos. Em trecho da entrevista o agricultor reforça:

A relação entre produtor e atravessador é indecente porque é o único mercado onde o vendedor não estipula preço e nem a medida. É o intermediário quem diz o preço, diz por quanto ele quer comprar e como ele vai fazer a medida e... é ele quem mede. A aferição no olhometro. [...] o agricultor fica só olhando ele fazer toda a operação. Ele não deixa. É muito imperativo e desigual! Tem alguns deles que acerta um preço aqui, leva a mercadoria e depois quando vem pagar diz aah, o preço caiu lá e eu só posso pagar tanto. Então, nesse sentido, a feira se torna um mercado justo porque a gente planta, colhe, vende e recebe o valor integral do produto e interage diretamente com o cliente. (K, 75 ANOS)

Por outro lado, o agricultor afirma que a figura do atravessador se faz necessária quando o agricultor não tem possibilidade de buscar outros meios de comércio. “Quando fiquei adoentado, eu não tinha como ir vender. Naquela ocasião, por exemplo, foi preciso que eu vendesse meus produtos aos atravessadores”.

Quanto ao fator econômico resultante da feira itinerante, observou-se que o salário mínimo vigente no país hoje é de R\$954,00 e segundo o campo de pesquisa, a média da renda de produção de 01 feira é de aproximadamente R\$ 70,00 por pessoa (sabe-se que esse valor pode variar), assim, se o agricultor trabalhar em 02 feiras por semana e 08 feiras da Agricultura Familiar por mês terá uma renda de R\$ 540,00 mensal. Sabe-se ainda que, para eles, esse comércio é uma fonte extra ou complementar no orçamento da família e que é uma renda semanal, ou seja, contribui para suprir eventuais despesas ao longo da semana. Assim, mesmo que a prefeitura não disponibilize transporte para deslocamento das mercadorias e dos agricultores, a feira continua sendo economicamente viável, já que os rendimentos provenientes da comercialização, cobre, dentre outros aspectos, o custo do deslocamento, que gira em torno de R\$ 10,00 (dia).

Cabe destacar ainda que, o uso de espaços de comercialização agrícola em pontos da cidade contribui também para a aproximação e interação do agricultor com as atividades urbanas construindo assim espaço de inter-relação pessoal. Outras contribuições são o resgate da cultura e permanência do agricultor na atividade rural. “A gente fica sabendo das coisas que vai acontecer na cidade, das promoções das lojas, conhece as novidades, faz amizades”, contou umas das agricultoras.

Os agricultores afirmaram que a partir do início do projeto conquistaram novos horizontes como a participação em cursos de capacitação rural, de comercialização, de artesanato, entre outros, dessa forma, o desenvolvimento social. “A gente tá aqui, aprende muito, mas, não perde a nossa essência, somos da agricultora familiar. A gente trabalha com a terra”, diz uma agricultora. Assim, as feiras contribuem para o desenvolvimento econômico (fortalecimento da economia do agricultor), a integração social e cultural (convívio com o meio urbano) e identitária (mantêm viva a essência da agricultura e do meio rural).

Quanto à contribuição da feira para o meio urbano conclui-se que, sabendo da importância em manter uma alimentação saudável e de levar à mesa alimentos livres de agrotóxicos, a partir da análise de campo, notou-se que a população tem dado preferência aos produtos oriundos de produtores conhecidos. “Eu gosto de comprar [...] por que sei que são produtos de origem conhecida. São saudáveis, sem química. E... é, o sabor, como posso falar?! É diferente. É como se eu tivesse colhido do pé e levado pra casa” Afirmou a cliente e

moradora do bairro da Praça dos Artistas. Esses espaços favorecem, ainda, articulação de políticas públicas, as mudanças na dinâmica das ruas geram oportunidade do público passante e moradores em adquirir produtos frescos, saudáveis e com preços acessíveis e a troca de saberes e experiências entre cliente e agricultor.

O fator econômico é o primordial, contudo, não é único que ganha destaque nesses espaços. A ajuda mútua e o companheirismo é a essência do circuito. O feijão de corda, por exemplo, é de um agricultor, mas, descascado por todos. A troca de experiências, de receitas, conselhos e a amizade prevalecem e torna o ambiente de trabalho prazeroso. Para (X), um dos agricultores que não tem participado com frequência, o diferencial da feira é o espaço de sociabilidade que se forma. Conforme trecho da entrevista ele afirma,

Ave Maria! A gente pegou uma amizade ali de [...] Ave Maria... isso foi a coisa mais importante dessa feirinha pra gente... foi isso aí. Além do financeiro, além dá, dá... da renda. Mas, uma amizade boa. Todo mundo, um ajudava o outro. Um vendia pro outro. A gente largava lá a vontade. Era muito bom. A gente passava o troco e botava o dinheirinho lá debaixo da lona... amizade boa! (AGRICULTOR X).

Para Boechat e Santos, (2009),

Na feira existe uma característica organizacional entre os vendedores, é o seu elevado espírito de grupo, bem como o alto nível de confiança existente, quer seja entre os próprios feirantes, entre os consumidores e feirantes e vive versa, promovendo assim um processo de troca mútua de bons sentimentos. É perceptível que não existe o mesmo sentimento de concorrência e individualismo existente no comércio lojista. (BOECHAT E SANTOS, 2009, p. 09)

Nesse contexto, o convívio diário propicia um entrosamento entre o grupo e os atores envolvidos e ainda, contribui para o desenvolvimento social e cultural em especial, dos agricultores. A linguagem coloquial, por exemplo, torna-se mais rica e com um vocabulário mais expressivo. O ser humano está em constante busca de melhorias e realizações em vários aspectos sejam eles financeiros, sociais ou de auto realização a fim de sentirem-se felizes e realizados. As feiras contribuem para o desenvolvimento e satisfação pessoal dos agricultores, segundo entrevistas.

Outro fato que ganha destaque é a participação de 02 feirantes no circuito. “Fui convidada por (A), somos vizinhas”, diz (L), uma jovem que busca na feira uma oportunidade de estar inserida no mercado de trabalho. A jovem considera-se agricultora familiar uma vez que mora na zona rural, planta junto com o marido e comercializa os produtos. “Já trabalhei em loja, meu marido trabalha até hoje. Eu planto e ele me ajuda quando dá. Tô vindo pra cá (feira) por necessidade de ter minha renda. Não tenho Bolsa Família e trabalho tá difícil. Eu tô gostando... dá pra vender direitinho”, contou (L) já participou da feira por 06 vezes.

Já o outro participante que comercializa há mais tempo, também foi convidado por pessoas que já trabalham na feira e sempre leva a filha pra ajudar. O senhor (S) mora no centro da cidade e tem acesso ao sítio da família que fica próximo ao Caminhoá e se auto identifica como pertencente à categoria de agricultor familiar e têm participado da feira a partir do mês de Abril. Eles comercializam chips de aipim que são produzidos em casa. Corroborando com o conceito dado pelo pai sobre identidade e pertencimento a filha logo concluiu:

Acredito que somos da Agricultura Familiar porque a gente beneficia e enriquece a matéria-prima. Eu sei que Agricultor Familiar é quem trabalha e mora no campo. Já a gente, não mora no campo mas, beneficia os produtos que vem de lá. A gente faz chips de aipim, gera renda e fortalece a economia local. (Q, filha do senhor S)

O trabalho de campo apontou que o projeto da Feira Itinerante da Agricultura Familiar e Economia Solidária em Cruz das Almas é uma oportunidade de negócios que busca alavancar a renda e a diversificação da atividade laboral do agricultor e da família, no intuito de fortalecimento. Assim, para além da questão econômica, a agricultura familiar contribui significativamente para a permanência do agricultor no ambiente rural, bem como a sucessão e o fortalecimento da atividade laboral e dos saberes. Já a feira itinerante, além de trazer retorno financeiro por meio do escoamento da produção agrícola, constrói um espaço de inter-relação pessoal no contexto familiar (com a autogestão produtiva), de trabalho (laços afetivos de amizade e companheirismo) ou de comunidade (as relações sociais entre o campo e cidade).

4. CONCLUSÃO

As feiras itinerantes são caminhos mercadológicos de inserção do agricultor no mercado de trabalho e geração de renda. A partir da análise de campo, tende-se a afirmar que a criação da Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária em Cruz das Almas têm contribuído para o fortalecimento da atividade econômica dos feirantes, mas, também com a interação social entre os atores da feira, clientes e moradores e a realização profissional criando, portanto, vínculos entre ambas às partes. O resultado financeiro é satisfatório fortalecendo não só a questão econômica, mas a identidade dos atores, as atividades socioculturais e o reconhecimento dos produtos comercializados.

A falta de transporte é o obstáculo apontado como fator causador da saída de muitos agricultores do projeto. Entretanto, as dificuldades ao longo do percurso fortalecem o pequeno grupo. Quanto ao transporte, salienta-se, por exemplo, que é possível adquirir um veículo destinado à logística dos agricultores por meio de editais de políticas públicas. Entretanto, é fundamental que exista acompanhamento através de assessoria técnica (por meio de oficinas e cursos a fim de ensinar na prática), tanto na parte da produção e de comercialização (indicando os produtos frente à demanda e oportunidade do mercado, a maneira adequada de produzir o marketing de seus produtos) quanto na parte educacional, buscando incentivar que os agricultores permaneçam unidos e através de suas organizações comunitárias, disputem editais e seleções públicas.

Notou-se que é necessária uma interação e responsabilidade maior por parte do governo municipal com a divulgação antecedente ao dia da feira por meio de carros de som e divulgação em rádios e com o aspecto visual das barracas, a fim de deixá-las mais atrativas. Essa divulgação tem por consequência, resgatar e manter os agricultores, com a valorização dos seus produtos e, portanto, fortalecimento da agricultura familiar com a continuidade do projeto.

Conforme já foi citado, é fundamental que a Secretaria de Agricultura busque mecanismos que possam desenvolver os agricultores do ponto de vista da sua organização interna e os mesmos possam caminhar de forma que fortaleça o grupo e deixem de ser dependentes de ações da prefeitura (dependências quase sempre eleitoreiras). Ou seja, é imprescindível o empoderamento do grupo para que através do cooperativismo consigam

vencer os obstáculos e alavancar o projeto da feira, assim como, os seus projetos de vida. No entanto, os agricultores devem buscar meios de desenvolvimento para além da secretaria.

Dessa forma, é importante que os agricultores que participam a feira busquem criar fontes de desenvolvimento do projeto como um fundo financeiro destinado ao marketing e divulgação. Buscar canais de participação em editais com projetos voltados para a agricultura familiar, assim, padronização das roupas e calçados a fim de dar maior credibilidade ao empreendimento. Finalmente, espera-se que esse estudo traga contribuições relevantes para dar visibilidade ao empreendimento.

5. REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

ALBUQUERQUE, P. P. **Autogestão**. In: CATTANI, D. (Org.). A outra economia. 1 ed. Veraz editores, Porto Alegre, 2003.

BADUE, Ana Flávia Borges; GOMES, Fernanda Freire Ferreira. **Parceria entre Consumidores e Produtores na Organização de Feiras**. São Paulo: Instituto Kairós, 2011. 44 f.

BOECHAT, Patrícia Tereza Vaz; SANTOS, J.L. **Feira livre: Dinâmica espaciais e relações identitárias**. Bahia: Universidade Estadual da Bahia – Campus V., 2009. Disponível em: <http://www.uesb.br/eventos/ebg/anais/2p.pdf>>. Acesso em: 08 de Agosto de 2018. 11p.

BRASIL, LEI Nº 11.326, DE 24 DE JULHO DE 2006. **Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm. Acesso em 18 de Agosto de 2018.

BRASIL, LEI Nº 11.947, DE 16 DE JUNHO DE 2009. **Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11947.htm>. Acesso em: 08 de Agosto de 2018.

BRASIL, LEI Nº 12.512, DE 14 DE OUTUBRO DE 2011. **Institui o Programa de Apoio à Conservação Ambiental e o Programa de Fomento às Atividades Produtivas Rurais; altera as Leis nº 10.696, de 2 de julho de 2003, 10.836, de 9 de janeiro de 2004, e 11.326, de 24 de julho de 2006**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12512.htm#art33>. Acesso em: 08 de Agosto de 2018.

BRASIL, DECRETO Nº 9.064, DE 31 DE MAIO DE 2017. **Dispõe sobre a Unidade Familiar de Produção Agrária, institui o Cadastro Nacional da Agricultura Familiar e regulamenta a Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e empreendimentos familiares rurais**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9064.htm>. Acesso em: 08 de Agosto de 2018.

BRASIL, DECRETO Nº 9.255, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2017. **Regulamenta a Lei nº 13.152, de 29 de julho de 2015, que dispõe sobre o valor do salário mínimo e a sua política de valorização de longo prazo**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9255.htm>. Acesso em 18 de Agosto de 2018

CARNEIRO, Maria José. Política pública e agricultura familiar: uma leitura do Pronaf. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro-RJ, Revista Semestral, abril de 1997, n. 8, p. 70-82.

CUNHA, E. da P.; CUNHA, E. S. M. **Políticas públicas sociais**. In: CARVALHO, A.; SALLES, F., GUIMARÃES M.; UDE, W. Políticas públicas. (org.) Belo Horizonte: UFMG; PROEX, 2002. p. 11-26.

DALCIN, Dionéia; OLIVEIRA, Sibeles Vasconcelos de; TROIAN, Alessandra. Gestão Rural e a Domada de Decisão: Estudo de Caso no Setor Olerícola In: XLVIII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 2010, Campo Grande/MS **Anais...** XLVIII Congresso da SOBER. Campo Grande/MS: SOBER, 2010.

GAZZONI, André; GUBERT, José Eduardo. Desenvolvimento rural e agricultura familiar : [recurso eletrônico] produção acadêmica da Ascar / organizado [por] Décio Cotrim. - Porto Alegre, RS: Emater/RS-Ascar, 2014. 623 p. – (**Coleção Desenvolvimento Rural**, v. 3).p.237-251.

GIL, Antonio Carlos. **Método e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/cruz-das-almas/panorama>>. Acesso em: 08 de Agosto de 2018.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Agropecuário 2006. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/51/agro_2006.pdf>. Acesso em 08 de Agosto de 2018.

LAMARCHE, H. (1993). **A agricultura familiar: comparação internacional** / Hughes Lamarche (coord.); tradução : Angela Maria NaokoTijiwa. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

MAIS MERCADO: Articulação entre oferta da Agricultura Familiar e demanda do PNAE na Bahia. (Relatório Preliminar), 2017. (mimeo)

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam Cristina da Silva. Feira Livre:

territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v.2, n.4, Agosto/2008.p.72-87.

MODEL, Patricia Aparecida; DENARDIN, Valdir Frigo. Agricultura Familiar e a Formação de Circuitos Curtos de Comercialização Através das Feiras Livres: O Caso da Matifeira - PR. ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO EMPRESARIAL E MEIO AMBIENTE, 2014, São Paulo. **Anais do XVI Engema**, 2014. v. 1. p. 1-14.

SABOURIN, Eric. Acesso aos mercados para a agricultura Familiar: Uma leitura pela reciprocidade e a economia solidária. **Rev. Econ. NE**, Fortaleza, v. 45, suplemento especial, p. 21-35, out./dez. 2014.

SCHMITZ, Heribert; DA MOTA, Dalva Maria. Agricultura Familiar: Categoria Teórica e/ou de ação política? **Fragmentos de cultura**, Goiânia, v.18, n. 5/6, p. 435-446 maio/junho.2008.

SCHMITT, Claudia Job; GRISA, Catia. Agroecologia, mercados e políticas públicas: uma análise a partir dos instrumentos de ação governamental IN: Agroecologia : práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura / organizadores Paulo André Niederle, Luciano de Almeida, Fabiane Machado Vezzani.— Curitiba : Kairós, 2013. p.215-265.

Schneider, Sérgio; Ferrari, Luiz. Cadeias curtas, cooperação e produtos de qualidade na agricultura familiar – o Processo de Realocização da Produção Agroalimentar em Santa Catarina. **Organizações Rurais & Agroindustriais**. Lavras, v. 17, n. 1, p. 56-71, 2015 disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151097/001010176.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1. Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.p.1-38.

APÊNDICE (A)

QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO PARA LEVANTAMENTOS DE DADOS DA PESQUISA “FEIRA ITINERANTE DA AGRICULTURA FAMILIAR: A EXPERIÊNCIA EM CRUZ DAS ALMAS/BA”

Data da aplicação: Entre Maio de Julho de 2018

DADOS SOBRE O PROJETO

Nome: Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária

Área de atuação: Agricultura Familiar e Comercialização.

Ano de Fundação: 2015

CNPJ: Não se aplica

Endereço: Cruz das Almas, BA.

- **Agricultor atuante na feira**

Quantidade de entrevistados: 05

1- Nome e idade?

2 - Como tiveram conhecimento do projeto (feira)?

3 - Faz parte de alguma organização social (cooperativas, associações...) ou programas governamentais ((Pronaf (PAA, Pnae) Bolsa Família))?

4 - Da sua produção: Quanto comercializa? Quais os produtos? Adquire produtos com outros agricultores para atender a demanda?

5 - Sobre a forma de organizar o processo produtivo, como é feita a gestão? A produção é familiar ?

6 - Você ou alguém da família exerce outras atividades como fonte de renda/ A feira é renda principal ou complemento?

7 - Qual a importância da secretaria na desenvoltura das feiras? Quais locais de comercialização e como eram/são escolhidos?

8 - Qual a importância das feiras? O que mudou em sua vida e na produção após o ingresso nas feiras? Quais dificuldades a motivação pra continuar?

- **Agricultor afastado da feira**

Quantidade de entrevistados: 03

1- Nome e idade?

2- Como tiveram conhecimento do projeto (feira)?

3- Faz parte de alguma organização social (cooperativas, associações...) ou programas governamentais ((Pronaf (PAA, Pnae) Bolsa Família))?

4- Da sua produção: Quanto comercializava? Quais os produtos? Adquiria produtos com outros agricultores para atender a demanda? Como comercializa atualmente?

5- Sobre a forma de organizar o processo produtivo, como é feita a gestão? A produção é familiar ?

6- Qual a importância das feiras ? O que mudou em sua vida e na produção após o ingresso nas feiras? Quais dificuldades motivaram a saída?

7- Qual a importância da secretaria na desenvoltura das feiras? Quais locais de comercialização e como eram escolhido?

8- Você ou alguém da família exerce outras atividades como fonte de renda/ A feira era renda principal ou complemento?

- **Precursos do projeto**

Quantidade de entrevistados: 01

1- Nome?

2- Como foi o processo de idealização e implantação do projeto?

3- Quantos agricultores? Quantas barracas?

4- Como foi o processo de convite ao agricultores?

5- Como era feita a gestão do projeto , a organização, logística?

6- Como eram escolhidos os espaços de comercialização ?

7- A Humanas Brasil ou Ascoob tiveram alguma participação ?

8- Qual a importância desses espaços de comercialização para o agricultor?

- **Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente**

Quantidade de entrevistados: 02

- 1- Nome?
- 2- Quantos agricultores envolvidos e quantas barracas atualmente?
- 3- Como é feita a gestão do projeto, a organização, logística...?
- 4- Como são escolhidos os espaços de comercialização? Quantos são atualmente?
- 5- Qual a importância desses espaços de comercialização para o agricultor?

- **Cliente**

Quantidade de entrevistados: 05

- 1- Nome?
- 2- Qual a importância desses espaços de comercialização?
- 3- Compra com frequência?
- 4- Qual/quais produto (s) não encontra na feira?